

Internos da Fundação Leão XIII vivem no meio da sujeira e entregues à própria sorte

Um inquérito vai investigar o descaso com os pacientes de instituição estadual

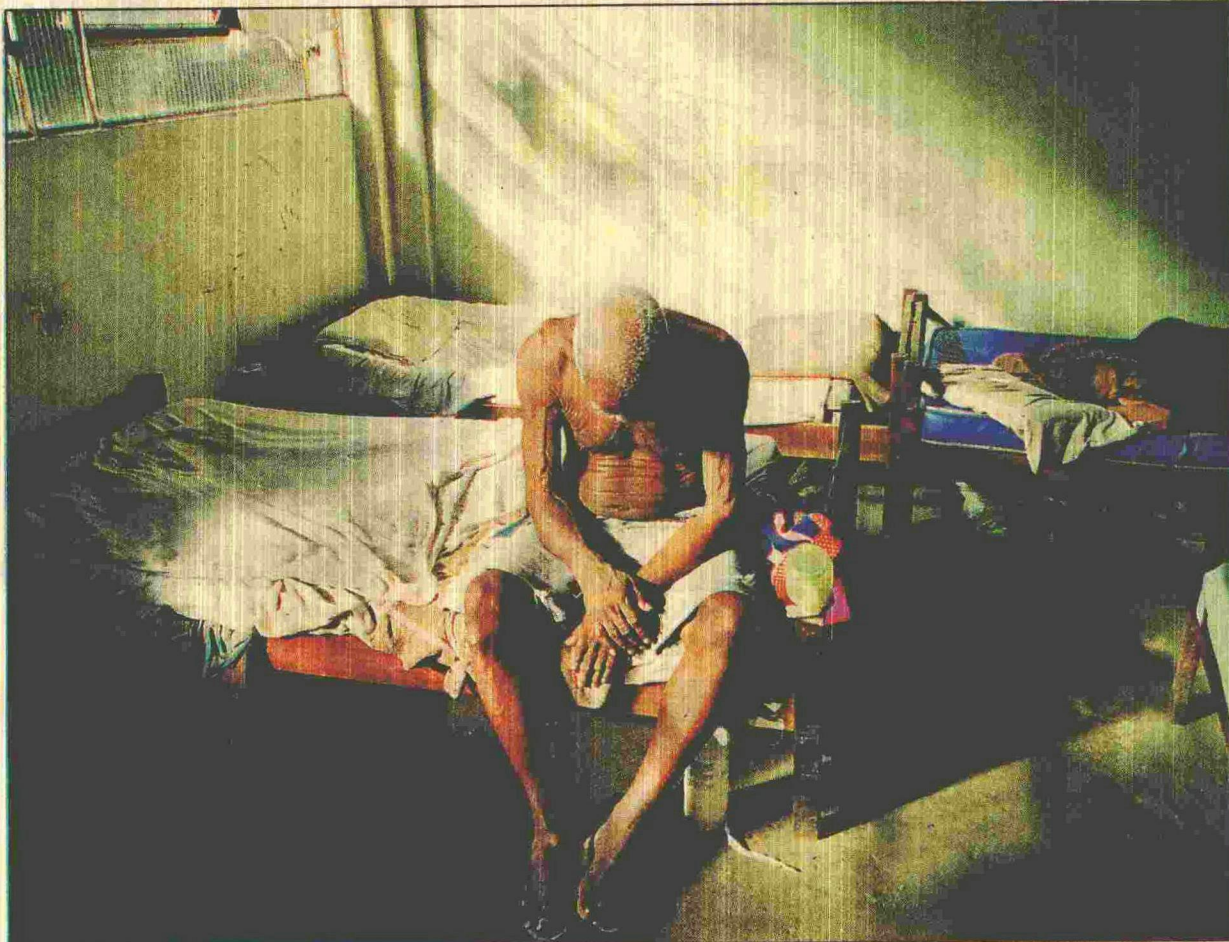
Márcia Foletto

Daniela Matta

• O cenário que se esconde por trás dos muros da Fundação Leão XIII em Campo Grande lembra um campo de concentração. Espalhados por galpões e terrenos baldios, mais de 700 internos com idade entre 20 e 90 anos vivem todo tipo de dificuldade na instituição que é administrada pelo Governo estadual. Ontem, depois de uma vistoria realizada pela presidente da Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa, Tânia Rodrigues, e pelo diretor da Federação Nacional dos Médicos, Jorge Darze, a promotora do Ministério Público, Ana Lúcia da Silva Melo, requisitou a instauração de inquérito policial para apurar os maus-tratos aos pacientes. Na segunda-feira, a deputada entregará à Procuradoria Geral de Justiça notícia-crime contra os administradores da instituição, que poderão responder por omissão e homicídio culposos. Na instituição criada para dar apoio à população de rua, as instalações não têm qualquer higiene, internos tomam água da bica, faltam médicos, sobram remédios e alimentos deteriorados.

— Não é só o setor privado que trata mal os pobres e velhos. A situação que encontramos aqui é muito pior e mostra o descaso do setor público com esta população — afirmou Jorge Darze.

Durante as seis horas de inspeção foram encontrados todos os tipos de irregularidade. Nos últimos três dias, duas internas morreram. O corpo de uma delas, Raimunda Leandra Ricardo, que morreu às 11h de quinta-feira, ainda estava ontem no necrotério da fundação, enrolada em um lençol, sobre uma bancada de mármore. A comissão encontrou ainda outras duas mulheres em estado terminal, internadas em uma espécie de enfermaria no prédio principal. Sem médicos de plantão ou medicação adequada, elas estavam inconscientes, com profunda desidratação e desnutrição. Sua remoção, no entanto, não pôde ser feita nos últimos dias para um hospital público por falta de carro. Segundo os funcionários, o único veículo da funda-



UM DOS INTERNOS DA FUNDAÇÃO Leão XIII, em Campo Grande: pavilhões sem as mínimas condições de higiene

ção — uma ambulância — quebrou há três meses.

— As condições aqui são terríveis. As pessoas estão entregues à própria sorte — afirmou o delegado Arlindo Braga, titular da 35ª DP (Campo Grande), que ajudou a recolher provas para o inquérito que será finalizado em 30 dias.

Mais de 500 quilos de alimentos estragados e medicamentos com data de validade vencida foram apreendidos pelo Ministério Público. Amostras do material foram encaminhadas ao Instituto Carlos Éboli para serem periciadas. A promotora Ana Lúcia Melo também requisitou exame para detectar a causa da morte de Raimunda. Em seu boletim médico consta que a interna deveria ter sido transferida para um hospital em 30 de maio. A direção da instituição, no entanto, não providenciou a remoção e Raimunda morreu uma semana depois.

— É preciso que o Governo estadual coloque em prática uma

política social, não de genocídio — afirmou Tânia Rodrigues.

Em um dos três alojamentos masculinos, 200 internos dormem em beliches sem qualquer privacidade ou higiene. Tuberculosos, doentes mentais e epiléticos dividem com pessoas saudáveis este espaço que lembra um campo de concentração e assusta os próprios funcionários da instituição, que não têm coragem de entrar ali durante a noite.

Na cozinha, baratas andam sobre as panelas onde é feita a comida dos internos. Ao lado da pia, os funcionários guardam os restos que serão dados aos porcos. As moscas e os mosquitos proliferam na instituição. Nas enfermarias onde estão internados os doentes em estado grave, a maioria dos vidros das janelas está quebrada. Sentado numa das camas, sujo de urina e fezes, José Benedito da Silva Prado, de 68 anos, não consegue se mexer para espantar os insetos. Vítima de um derrame cerebral, ele chorava

durante todo o tempo, pedindo para que o tirem daquele lugar.

O desespero dos pacientes só é amenizado pela cachaça que entra na instituição sem encontrar barreiras. Regina da Silva, que calcula ter 43 anos, bebe todas as vezes que sente dor. Há mais de uma década internada na fundação, ela tem as feridas nas pernas enroladas em gazes e mal consegue andar. Quando arranja algum dinheiro, a primeira coisa que faz é mandar comprar bebida:

— Minha perna dói, queima. Parece que tem bicho na minha carne. Bebo para a dor passar. Se conhecesse a minha família não estava enterrada neste lugar.

Ela e outras cem internas dormem em um alojamento num dos pontos mais imundos da instituição. Vizinho a um depósito de lixo, o galpão está sempre repleto de ratos e insetos. Procurado pelo GLOBO, o secretário estadual de Trabalho e Ação Social, Aldir Cabral de Araújo, resolveu vistoriar a clínica ontem à noite. ■